



EXPOSIÇÃO

UM BANDO DE DODÔS VOA ENTRE 29 ARTISTAS

SANDRA MAKOWIECKY
ABCA/SANTA CATARINA

RESUMO: O texto apresenta imagens e informações sobre a exposição “Um bando de dodôs”, realizada em Florianópolis, na Galeria Berlin, de 10 de setembro a 11 de outubro de 2025. Foi a primeira mostra coletiva do mundo sobre o pássaro, natural das Ilhas Maurício e extinto por volta de 1680 pela colonização europeia do continente africano. Idealizada pelo curador e marchand Renato Andreuchetti, a exibição apresentou obras de 29 artistas plásticos de diferentes regiões do Brasil, em uma celebração pelo respeito à vida e ao meio ambiente.

PALAVRAS-CHAVE: “Um bando de dodôs”; exposição pioneira; Projeto Dodô; curadoria de Renato Andreuchetti.

ABSTRACT: The text presents images and information about the exhibition “A flock of dodos”, held in Florianópolis, at the Berlin Gallery, from September 10th to October 11th, 2025. It was the world’s first group exhibition about the bird, native to Mauritius and extinct around 1680 due to European colonization of the African continent. Conceived by curator and art dealer Renato Andreuchetti, the exhibition presented works by 29 visual artists from different regions of Brazil, in a celebration of respect for life and the environment.

KEYWORDS: “A flock of dodos”; pioneering exhibition; Dodo Project; curated by Renato Andreuchetti.



Fig. 1: A coletiva “Um bando de dodôs”, com curadoria do gaúcho Renato Andreuchetti, é a primeira mostra da história a reunir um grupo de artistas convidados a retratar o famoso pássaro extinto, fruto do Projeto Dodô (@projetododo), idealizado pelo curador e marchand. Foto: Luma Reimann.

A exposição “Um bando de dodôs”, realizada em Florianópolis, na Galeria Berlin, de 10 de setembro a 11 de outubro de 2025, foi a primeira mostra coletiva (Fig. 1) do mundo sobre o pássaro, natural das Ilhas Maurício e extinto por volta de 1680 pela colonização europeia do continente africano. Idealizada pelo curador e marchand Renato Andreuchetti,

a exibição apresentou obras de 29 artistas plásticos de diferentes regiões do Brasil, com interpretações diversas e entusiasmadas sobre esse pássaro que, mesmo extinto, continua inspirando gerações. A exposição falou também sobre o pássaro como símbolo da relação predatória do ser humano com a natureza. Alegre, expansiva, variada e bem-concebida,

nos mostrou um pouco desse pássaro extinto e que os artistas não cessam de celebrar. A ideia do curador gaúcho com as exposições “Um bando de dodôs” foi colocar o Brasil na história universal do pássaro dodô, a primeira espécie extinta da era moderna. Com a exposição, artistas devolveram a vida ao dodô para relembrar que nossa presença tem um preço para os demais habitantes do planeta Terra. Para o curador, em suas palavras: “A exposição ‘Um bando de dodôs’ tem espírito jovem!”.

UM POUCO DE HISTÓRIA

Uma ave que não voava, mas que, também por isso, se mostra diferente e chama a atenção. Em uma breve pesquisa realizada e publicada por JEH-Newsletter sobre arte independente e cultura local¹, obtivemos algumas informações históricas, que enriquecem o valor da exposição.

Raphus cucullatus é o nome científico da espécie que por muito tempo foi tida como um mito ou mesmo invenção dos marinheiros que visitavam as ilhas durante o século XVI, período das Grandes Navegações. A ave não

voadora era dócil e não tinha medo dos humanos, pois desconhecia predadores naturais. Entretanto, tudo que é exótico torna-se objeto de estudo e naturalistas da época passaram a escrever sobre o animal por meio dos relatos dos marinheiros e dos pedaços da ave que eram levados ao velho continente.

O dodô era uma ave emblemática que vivia nas Ilhas Maurício, no Oceano Índico. Parente gigante dos pombos, a espécie tinha o tamanho de um peru, mas não voava. Na ilha na qual era endêmica não havia predadores naturais, o que fez com que o dodô não precisasse aprimorar o voo na sua evolução para escapar de ataques.

Mas com as grandes navegações europeias baseadas em invasões e conquistas de territórios, as Ilhas Maurício ficaram sob domínio holandês no século XVI. A chegada deles e a introdução de animais domésticos, como cães e gatos, fizeram com que a existência dos dodôs começasse a correr riscos.

Os relatos históricos contam que essas aves dóceis viraram alimento para os conquistadores europeus. Os ninhos e ovos da ave também ficaram vulneráveis à chegada dos intrusos. O resultado é que, no fim dos anos de 1600, a ave foi considerada extinta. A memória dos dodôs ficou restrita a esqueletos da espécie guardados em museus da Europa, dos Estados Unidos e das próprias Ilhas Maurício.

Consequentemente, a novidade também atraiu artistas como o holandês Roelant Savery e o indiano Ustad Mansur.



Fig. 2: Pintura retratando dodô descrito para Ustad Mansur, no período de 1628-1633. Fonte: Wikipedia. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Ustad_Mansur Acesso em 05 nov. 2025.

USTAD MANSUR (1590-1624)

A pintura de Mansur feita em 1610 retrata um dodô (Fig. 2) e constitui uma das poucas imagens coloridas de um dodô feitas baseadas em um exemplar vivo da ave.

Ustad Mansur foi um pintor da corte no Império Mongol. Ele ganhou fama por descrever plantas e animais.· Mansur foi o primeiro artista a retratar o dodô em cores, por isso o registro.

ROELANT SAVERY (1576-1639)

No ano de 2024 (fevereiro), o artista holandês Roelant Savery, famoso por seu retrato do dodô, teve sua produção à mostra na exposição do museu Mauritshuis, em Haia, na Holanda. Intitulada “O Mundo Maravilhoso de Roelant Savery”, explorou a obra do artista, abrangendo naturezas-mortas florais e paisagens.

Roelant Savery foi um prolífico artista holandês da *Era de Ouro*, mais conhecido por sua pintura do dodô (Fig. 3). A mostra celebrou a representação icônica do pintor da espécie agora extinta, mas também seu trabalho como o primeiro artista



Fig. 3: Atribuído a Roelant Savery, The Dodo and Other Birds (c. 1630). Fonte: Natural History Museum, London. Disponível em <https://news.artnet.com/art-world/roelant-savery-dodo-mauritshuis-2433656>. Acesso em 05 nov. 2025.

holandês a pintar naturezas-mortas florais e cenas de rua.

Como pintor da corte, as obras de Savery inspiraram gerações de artistas. Especula-se que Roelant

Savery tenha se baseado num exemplar de dodô empalhado e excessivamente preenchido para criar as pinturas que estão no Museu de História Natural de Londres, no Museu de História Natural

da Universidade de Oxford e no Mauritshuis Museu, em Haia, na Holanda. A exposição também contou com uma homenagem ao pintor flamengo, o artista mais influente na representação do dodô durante o chamado Século de Ouro dos Países Baixos.

Essa busca desenfreada pelo pássaro o levou à extinção em 1680, transformando-o num ser místico, assim como a fênix e o unicórnio. Contudo, no século XIX, mais especificamente em 1848, os naturalistas ingleses Hugh Strickland e Alexander Melville lançam o livro *The Dodo and its Kindred*, após realizarem uma pesquisa com ossos de dodô encontrados em museus na Inglaterra e até mesmo vindos das Ilhas Maurício, tirando a ave da ficção para torná-la representante das espécies extintas pela ação humana.

O CURADOR E O DODÔ

O trágico fim do dodô e as poucas informações disponíveis fascinaram o curador e marchand gaúcho que conheceu a espécie em 2006, após ler o livro *Breve história de quase tudo*, escrito por Bill Bryson. Logo depois, o Projeto Dodô é criado não só como uma divulgação do pássaro, mas como um movimento artístico que desafia artistas plásticos a reinventarem a ave, com o propósito de conscientizar a população sobre as consequências da exploração humana.

Essa história trágica da extinção dos dodôs ganhou uma ressignificação na vida de Renato Andreuchetti, impulsionada por uma emoção profunda que ele não sabe



Fig. 4: Igor Villa, Dodô no Espelho (2025), 80x80 cm, técnica mista de acrílica, spray, giz, carvão e caneta. Foto cedida pelo Projeto Dodô.

explicar. Depois, com a leitura de *O canto do dodô*, de David Quammen, Renato Andreuchetti decidiu criar o Projeto Dodô.

“Para mim é algo quase inexplicável. Só sei que desde aquele instante de inspiração eu estudo, pesquiso e trabalho com o propósito de transformar a imagem do dodô em conceito de sustentabilidade no cenário nacional. O projeto nasceu em forma de exposições de arte, em que desafio artistas a criarem suas versões contemporâneas do dodô, ao mesmo tempo em que revelo a genialidade e o talento desses pintores e escultores nesse exercício pictórico”, detalha Andreuchetti em entrevista na matéria *“Dodôs’: primeira exposição coletiva sobre história da espécie chega a Florianópolis (SC)”*².

O projeto quer conscientizar as pessoas sobre a conservação de espécies ameaçadas de extinção e também chamar a atenção para o cuidado de espécies que estão perto de nós.

O resultado dessa união foram as exposições individuais, sendo a



Fig. 5: Luiz de Souza, *Árvore Dodô* (2023), óleo sobre tela, 80x80 cm. Foto cedida pelo Projeto Dodô.

Fig. 6: Rodrigo Rizzo, *Sobrevivente Improvável* (2025), acrílico sobre tela. Foto cedida pelo Projeto Dodô.





Fig. 7: Marcela Schmid, A Guardiã das Ilhas: a Dodô de Marcela (2025), 92x92 cm, acrílico sobre tela. Foto cedida pelo Projeto Dodô.

primeira realizada em março de 2023, na Tradesign (Porto Alegre), com Igor Villa (Fig. 4), artista visual que retrata animais coloridos utilizando materiais como tinta, giz, carvão e canetas. Já a segunda foi na Essenza Casa e Jardim (Porto Alegre), com Luiz de Souza (Fig. 5), conhecido por seu realismo fantástico inspirado nas personagens da *Commedia Dell’Arte* e exposição individual no centro Heydar Aliyev (Azerbaijão).

Em 2025, a exposição “Um bando de dodôs” se transforma em coletiva na Galeria Berlin. Renato priorizou artistas experientes na arte figurativa, especialmente aqueles que já haviam retratado pássaros antes, para garantir a ousadia e personalidade do dodô sem perder a figura base de vista. Além disso, a exposição já foi reconhecida por artistas das Ilhas Maurício como uma bela homenagem ao animal nativo. A seguir, uma sequência de imagens de obras da exposição, que atraiu um expressivo público.

Para 2026, as tratativas para uma grande coletiva em São Paulo já se iniciaram, com a adesão de um grande número

de artistas. Para além da reunião de jovens artistas em convivência com artistas mais consagrados, resultando em uma exposição diferenciada por tratar de um único e reconhecível tema – o pássaro dodô –, é de se elogiar a atenção para o tema da preservação da vida e do meio ambiente, que atraiu a atenção de jovens em diversas linguagens.

A obra de Marcela Schmidt (Fig. 7) apresenta uma narrativa. A versão da artista apresenta a estética realista e sóbria para a ave extinta, retratada em seu habitat natural, nas Ilhas Maurício. Durante o processo de criação, o pássaro ganhou uma feição feminina e protetora, por isso a obra se revela como a primeira representação de uma fêmea da espécie, que zela pelo território sem perder a graciosidade, presente tanto no olhar acolhedor como nas penas alinhadas.

Imagens a seguir:

Fig. 8: Alejandro Saavedra, Brooklin, 1952. Óleo sobre tela, 80x80 cm.

Fig. 9: Kuêio. Isso não é um Dodô. 80x90 cm. Spray e acrílica sobre tela.

Fig. 10: Fabio Pantoni, Os Últimos Protetores de Dodô. 80x90 cm. Óleo sobre tela.

Fig. 11: Kelly Kreis, Bando de Dodôs 01. 50x65 cm. Nanquim e lápis de cor sobre papel.

Fig. 12: Eduardo Melo, Os Trigêmeos da Ilha da Magia 1. s/d. Stencil de 12 camadas sobre compensado naval.

Fig. 13: Meio Killo, Fim de Caça. 80x80 cm, acrílica e spray sobre painel.

Fig. 14: Jorge Tabajara, Dodô Louco. 80x80 cm, acrílica e carvão sobre tela.

Fig. 15: Milenna Saraiva, Dodô Todo. 80x80 cm, acrílica e lápis grafite sobre linho.

Fotos cedidas pelo Projeto Dodô.



Fig. 8: Alejandro Saavedra, Brooklyn, 1952. Óleo sobre tela, 80x80 cm. Foto cedida pelo Projeto Dodô.



Fig. 9: Kuêio. Isso não é um Dodô. 80x90 cm. Spray e acrílica sobre tela. Foto cedida pelo Projeto Dodô.



Fig. 10: Fabio Pantoni, Os Últimos Protetores de Dodô. 80x90 cm. Óleo sobre tela. Foto cedida pelo Projeto Dodô.



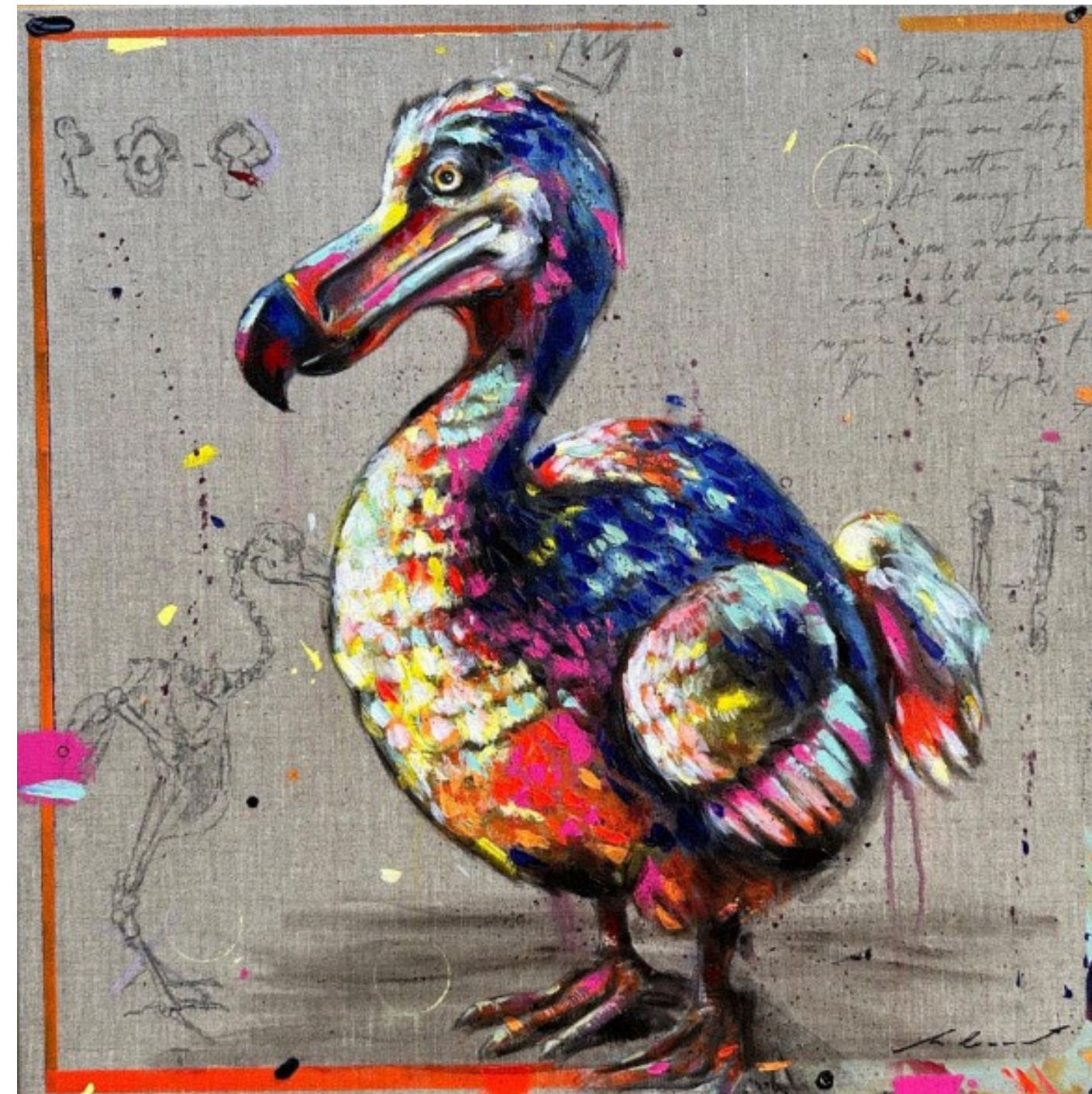
Fig. 11: Kelly Kreis, Bando de Dodôs 01. 50x65 cm. Nanquim e lápis de cor sobre papel. Foto cedida pelo Projeto Dodô.



Fig. 12: Eduardo Melo, Os Trigêmeos da Ilha da Magia 1. s/d. Stencil de 12 camadas sobre compensado naval. Foto cedida pelo Projeto Dodô.



Fig. 13: Meio Killo, Fim de Caça. 80x80 cm, acrílica e spray sobre painel. Foto cedida pelo Projeto Dodô.



Por fim, cenas da exposição e expositores, em clima contagiante.

Fig. 16: Jorge Tabajara.

Fig. 17: Renato Andreuchetti, Michel Torres Costa e Marina Tavares.

Fig. 18: O curador Renato Andreuchetti e artistas da exposição. Da esq. para a dir.: artista Rodrigo Rizo, curador André Renato Andreuchetti e os artistas Rhuan Santo e Dequete. Fotografias: Luma Reimann.



NOTAS

1 Matéria denominada Não há extinção na arte – Exposição coletiva “Um bando de dodôs”, Edição nº 7, de 25 de setembro de 2025, disponível em <https://jornadapelaexpressohumana.substack.com/p/nao-ha-extincao-na-arte-exposicao>.

2 Giuliano Tamura, Terra da Gente, em 11 de setembro de 2025, disponível em <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/terra-da-gente/noticia/2025/09/11/dodos-primeira-exposicao-coletiva-sobre-historia-da-especie-chega-a-florianopolis-sc.ghml>. Acesso em 05 nov. 2025.

SANDRA MAKOWIECKY

Professora titular aposentada da UDESC – Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina. Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas (UFSC). Presidente da Associação Brasileira de Críticos de Arte – ABCA em 2022-2024. Coordenou o Museu da Escola Catarinense em três gestões (2012-2016; 2016-2020; 2020-2024).

Possui diversas publicações, sobretudo na área de Artes. Atualmente coordena o Passeio Cultural Primavera e integra o Conselho do Instituto Collaço Paulo. Como destaques, podemos citar: Prêmio Gonzaga Duque, atribuído pela ABCA em 2015; Prêmio Confap de Ciência, Tecnologia e Inovação, em 2021, e Prêmio Fritz Muller, pesquisador destaque na área de Linguística, Letras e Artes no Estado de Santa Catarina, no ano de 2022.